

# MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL

## Um estudo descritivo

Claiton André Kunz<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo procura apresentar de forma clara e objetiva um método de estudo e exegese do texto bíblico. Embora o método histórico-gramatical seja utilizado por muitos exegetas e estudiosos das Escrituras, são poucos os escritos que apresentam de forma sistematizada os passos deste método. A descrição a seguir, de forma alguma procura ser cabal ou definitiva a respeito do assunto, podendo e devendo ser ampliada. Assim sendo, procura-se contribuir para que a lacuna supra mencionada possa ser aos poucos preenchida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exegese, Hermenêutica, Bíblia.

### ABSTRACT

The present study tries to present in a clear and objective way a study and exegesis method of the biblical text. Although the historical-grammatical method is used by many exegetes and studios of the Scripture, there are few writings that present in a systematized way the steps of this method. The following description tries to be in some way exact, definitive, regarding the subject but it can be and should be expanded on in further work. In this way we touch on a gap in our understanding of the Bible which may be subsequently filled out, little by little.

**KEYWORDS:** Exegesis, Hermeneutic, Bible.

### INTRODUÇÃO

O método histórico gramatical tem por objetivo achar o significado de um texto sobre a base do que suas palavras expressam em seu sentido simples, à luz do contexto histórico em que foram escritas. A interpretação é executada de acordo com regras gramaticais e semânticas comuns à exegese de qualquer texto literário, baseada na situação do autor e do leitor de seu tempo.<sup>2</sup> Shedd, citando E. D. Hirsch, afirma que “a interpretação autorizada não pode fugir da intenção do autor”.<sup>3</sup> É claro que isto não significa uma leitura superficial do texto. Este tipo de exegese demanda um conhecimento dos antecedentes lingüísticos, históricos, culturais e geográficos da passagem.

Muller, em termos simples e objetivos, propõe três estágios para o método: observação (o que *diz* o texto), interpretação (o que *quer dizer* o texto) e aplicação (o que o texto quer dizer *para nós*).<sup>4</sup>

Este método teve seus antecedentes na Escola de Interpretação de Antioquia, no século IV (Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo), e foi posteriormente revitalizado durante a Reforma, no século XVI. Tanto Lutero como Calvino insistiram em que a função do intérprete é expor o texto em seu sentido literal, a não ser que a natureza do seu conteúdo exija uma interpretação diferente (figurada).<sup>5</sup>

De acordo com Lutero, uma interpretação adequada da Escritura deve proceder de uma compreensão literal do texto. O intérprete deve considerar em sua exegese as condições históricas, a gramática e o contexto. Lutero acreditava também que a Bíblia é um livro claro (a perspicuidade da

---

<sup>1</sup> O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista de Ijuí (atual Faculdade Batista Pioneira), mestre em Novo Testamento pela FTB de SP, mestre e doutorando em teologia pela EST/São Leopoldo. É bacharel em filosofia pela UNIJUÍ, e mestrando em Filosofia pela UFSM/UNIJUÍ (Minter). É professor e vice-diretor da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS).

<sup>2</sup> MARTINEZ, J. M. *Hermenêutica Bíblica*, p. 121.

<sup>3</sup> SHEDD, R. N. *Hermenêutica Bíblica*. In: *Vox Scripturae*, vol. 1:2, set/1991, p. 5.

<sup>4</sup> MÜLLER, E. In: FEE, G. *Entendes o que lês?*, p. 281-282.

<sup>5</sup> MARTINEZ, J. M. *Op. Cit.*, p. 122.

Escritura).<sup>6</sup> Para Calvino, “a primeira tarefa do intérprete é deixar que o autor diga o que ele de fato diz, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer”.<sup>7</sup> Zuck faz a seguinte afirmação:

Quando os reformadores (Martinho Lutero, Philip Melancton, João Calvino, Ulrich Zuínglio e outros) acentuaram a necessidade de retorno às Escrituras, eles ressaltaram a interpretação histórica, gramatical. Com histórica, estavam-se referindo ao contexto em que os livros da Bíblia foram escritos e às circunstâncias em jogo. Com “gramatical”, referiam-se à apuração do sentido dos textos bíblicos mediante estudo das palavras e das frases em seu sentido normal e claro”.<sup>8</sup>

Os movimentos pietistas (séc. XVII e XVIII) uniram um profundo desejo de entender a Palavra de Deus e apropriar-se dela para as suas vidas com uma excelente apreciação do método histórico-gramatical.<sup>9</sup> Mais recentemente, o método tem sido reafirmado como uma reação ou alternativa em relação ao método histórico-crítico, que foi intensamente difundido no século XX.

A presente pesquisa procura descrever os passos usados pelo método histórico-gramatical, preocupando-se, não em fazer uma apologia do mesmo, e, sim, apenas uma descrição dos passos do método.

Igualmente, não será um estudo exaustivo do assunto, mas dará algumas indicações gerais, tendo em vista a amplitude do assunto. Sentiu-se a dificuldade de haver poucos autores que descrevem o método de forma completa. Muitos deles apenas o citam ou o praticam, sem esboçar minuciosamente os seus passos. Da forma como ele será descrito, na presente pesquisa, não se destina para leigos, mas, sim, para a comunidade acadêmica. Embora alguns passos possam ser executados por leigos, muitos outros pressupõem conhecimentos mais técnicos, como o acesso às línguas originais, conhecimento de crítica textual, análise morfológica, etc.

No decorrer da pesquisa, poderão ser encontradas citações de autores que não necessariamente se identificam com o método histórico-gramatical. Serão, entretanto, citados devido ao fato de vários passos da exegese ser comuns a diversos métodos.

## I – TEXTO

O primeiro passo do método histórico-gramatical é o conhecimento e o estabelecimento do texto que será utilizado para estudo. Para este primeiro passo sugere-se os seguintes procedimentos:

### 1.1 Visão Geral

Significa familiarizar-se com as *palavras do texto*, lendo-as várias vezes, em diferentes versões no português e também na língua original. Significa também se familiarizar com a *linha de pensamento do texto*, observando como a narrativa ou argumentação é desenvolvida. A forma de desenvolver este passo é através da observação, o que alguns autores também chamam de “primeira aproximação ao texto”.

O propósito da observação no estudo de um texto é “saturar-se” do conteúdo da passagem, ficar tão familiarizado quanto possível com tudo o que o escritor bíblico está dizendo, explícita ou implicitamente. É necessário também aprender a discernir o que é e o que não é importante na passagem em estudo.

Sugere-se aqui o uso de algumas questões básicas. O intérprete deve perguntar sobre o texto: a) **Quem?** Quais são as pessoas envolvidas? b) **O quê?** Que sucedeu? Que idéias estão envolvidas? Quais os resultados? c) **Onde?** Onde isso teve lugar? Qual é a localização geográfica deste fato? d) **Quando?** Quando isto aconteceu? Qual é o fundo histórico? e) **Por quê?** Por que isso aconteceu? Qual o propósito ou razão disto? f) **Como?** Como foi realizado? Com que eficiência? Com que rapidez? Por qual método?

Deve-se também tentar descobrir as palavras chaves do texto, a forma ou estrutura da passagem, as comparações e os contrastes, a progressão de uma cadeia de idéias, o uso de repetições, o uso de ilustrações ou explicações no próprio texto, etc. Outro exercício interessante, neste primeiro passo da

<sup>6</sup> VIRKLER, H. A. Hermenêutica Avançada, p. 48.

<sup>7</sup> *Ibidim*, p. 49.

<sup>8</sup> ZUCK, R. A interpretação bíblica, p. 88.

<sup>9</sup> VIRKLER, H. A. *Op. cit.*, p. 50.

visão geral, é dispor-se para mudar o ponto de vista em relação ao texto, olhando de diferentes perspectivas (do autor, do destinatário, de um e outro personagem do texto, etc.).

## 1.2 Delimitação

Delimitar o texto significa determinar os limites da passagem, identificando a unidade do pensamento. O resultado desta delimitação chama-se “perícope”. Em geral as Bíblias já trazem as divisões dos textos em perícopes, embora o texto original não os contenha. Muitas vezes estas divisões são felizes. Em outras tantas, entretanto, o trabalho editorial dos tradutores incorre em dois tipos de erros: a) *Quebrar uma unidade textual*: isolando assim versículos do seu contexto; b) *Manter dois assuntos diferentes dentro da mesma perícope*: que é o problema contrário ao anterior. Para evitar estes problemas, deve-se fixar alguns critérios para a delimitação de um texto. Cássio Murilo Dias da Silva, em seu livro “Metodologia de Exegese Bíblica”, faz um estudo sobre os elementos que indicam o início de uma perícope, elementos que indicam o término da mesma, e ainda elementos que podem aparecer no decorrer de uma perícope. A seguir, de forma breve, são apresentados estes elementos:

### 1.2.1 Elementos que indicam o início de uma perícope

Podem ser indicadores de uma nova perícope os seguintes elementos: a) *Tempo e espaço*: o tempo pode indicar o início, a continuação, a conclusão ou a repetição de um episódio. Da mesma forma, o espaço localiza fisicamente a ação e dá noção de movimento (Mt 2.1; 4.1; 8.5; Mc 16.1; Lc 1.5). b) *Personagens*: Uma nova perícope pode iniciar com a chegada, a percepção ou a mera aparição de um novo personagem, ou com a atividade de alguém inativo até aquele momento (Mc 7.1; Lc 1.26). c) *Argumento*: uma nova perícope pode ser identificada pela mudança de assunto, muitas vezes introduzida por “finalmente...”, “quanto a...”, “a propósito de...” (1 Co 12.1; 2 Tm 4.6). d) *Anúncio do Tema*: alguns textos retóricos anunciam ao término de uma argumentação os assuntos que serão tratados a seguir (Hb 2.17-18 c/ 3.1 –5.10). e) *Título*: em alguns lugares felizmente tem-se os títulos dos próprios autores (Ap 2.1,8,12). f) *Vocativo e/ou novos destinatários*: um vocativo explicita a quem tais palavras são dirigidas, que podem ser os mesmos de até então (Gl 3.1; 1 Jo 4.1,7), ou novos destinatários (Ap 2.1,8,12). g) *Introdução ao recurso*: quando o próprio texto introduz a fala de um novo personagem (Lc 15.3,8,11). g) *Mudança de estilo*: pode acontecer passando de um discurso para uma narrativa (Mt 10.4-5), da prosa para a poesia (Fp 2.5-6) ou da poesia para a prosa (Mt 11.1-2).<sup>10</sup>

### 1.2.2 Elementos que indicam o término de uma perícope

Por sua vez, os elementos que indicam o término de uma perícope são: a) *Personagens*: o número de personagens pode ser multiplicado, obscurecendo o foco (Mc 1.45; Lc 5.15), ou mesmo reduzido, provocando uma mudança de focalização (Mc 9.28; Mt 17.19). b) *Espaço*: uma narrativa pode ficar desfocada quando há um deslocamento do tipo partida (Mt 21.17) ou uma extensão (Mc 1.39). c) *Tempo*: pode acontecer uma expansão do tempo que dispersa nossa atenção (At 10.48) e o chamado “tempo terminal” no qual o autor dá a narrativa por concluída (Jo 13.30). d) *Ação do tipo partida*: normalmente o personagem central sai de cena, separando-se dos demais (Mc 8.13). e) *Ação terminal*: são aquelas ações ou reações decorrentes do episódio narrado (Mt 9.8). f) *Ruptura do diálogo*: frequente em controvérsias, onde o último a falar é o vencedor; é o clímax da discussão (Lc 14.5-6). g) *Comentário*: o narrador interrompe sua exposição para fazer observações que dão sentido ao relato (Jo 2.21-22). h) *Sumário*: o autor interrompe a narrativa para apresentar de modo resumido o que acabou de expor (Jo 8.20; Lc 2.51-52).<sup>11</sup>

### 1.2.3 Elementos que aparecem ao longo da perícope

Alguns dos elementos que podem aparecer do corpo de uma perícope são: a) *Ação*: aparece como o núcleo de uma perícope (narrativa), com indicações de tempo, espaço e personagens (Mc 6.17). b) *Campo semântico*: grupo de palavras cujos significados estão relacionados, por terem uma referência comum (tema, idéia, ambiente). Um exemplo no AT é o texto de Gn 22.6-10, que utiliza o campo

<sup>10</sup> SILVA, C. M. D. Metodologia de exegese bíblica, p. 70-72.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 72-73.

semântico “sacrifício”: lenha, fogo, cutelo, altar, cordeiro, etc. c) *Intercalação*: a ação iniciada é interrompida para ser retomada mais a frente. Temos como consequência um episódio dentro do episódio, como se fosse um sanduíche (Mc 3.20-21 e 30-31). d) *Quiasmos*: quando uma seqüência de palavras, frases ou idéias reaparecem de forma invertida (Is 6.10). Várias perícopes podem estar agrupadas de forma quiástica (Lc 9-18 – narrativa da viagem).<sup>12</sup>

### 1.3 Crítica Textual

Nos dias atuais não existe nenhum manuscrito original dos livros do Antigo ou do Novo Testamento. O que existe são cópias, entre as quais constam muitas diferenças, que são chamadas de variantes. Como o processo de cópia no princípio era totalmente manual, não é de estranhar que haja estas diferenças. Na maioria dos casos os erros eram involuntários por parte dos copistas. Às vezes liam errado o texto, outras vezes não compreendiam o texto lido ou ainda esqueciam algo entre o momento da audição e do registro. Além destes erros involuntários, pode-se perceber algumas tentativas de correção de erros em cópias anteriores.

No Antigo Testamento, a quantidade de variantes não é muito grande, devido ao trabalho minucioso dos escribas e posteriormente dos massoretas. Já quanto ao Novo Testamento, a quantidade de variações nos manuscritos gregos é muito grande. Isto deu-se porque nos primeiros séculos a igreja sofreu grande perseguição, sendo que as cópias tinham de ser feitas por escribas amadores. A maior parte dos manuscritos que restaram são cópias do período medieval.

Este grande número de variantes dificulta o trabalho dos tradutores. Primeiramente precisa-se decidir quanto ao texto original. A disciplina que se ocupa com este trabalho é a Crítica Textual. Seu objetivo é restaurar o texto original. Além dos manuscritos gregos que ainda se tem acesso, os estudiosos empregam também antigas traduções na tentativa de restaurar o texto original. Algumas destas traduções são mais antigas que os próprios manuscritos gregos existentes. O trabalho então passa a ser uma retradução para o grego. Outras fontes de pesquisa são as citações feitas por escritores cristãos antigos, na sua maioria também anteriores aos manuscritos gregos existentes.

Quanto ao método utilizado na crítica textual, existem as evidências externas e internas. Em relação às evidências externas, geralmente dá-se preferência à leitura variante que tenha confirmação mais antiga, a confirmação mais difundida no aspecto geográfico e a confirmação dos tipos de texto mais confiáveis. Um tipo de texto é um grupo de manuscritos, versões e citações antigos em grego que tenham muito em comum. O tipo considerado mais confiável é o alexandrino, que surgiu em Alexandria (Egito) entre 180 e 700. A data antiga e as evidências internas são fatores da sua preferência. Outro tipo é o ocidental, surgido em meados do século II.

O tipo bizantino surgiu, no Império Bizantino, durante a Idade Média (século IV, os mais antigos). É compreensível que a maioria dos manuscritos venham a partir desta data devido à perseguição da igreja em épocas anteriores. Assim, 90% dos manuscritos são deste tipo. Possuem uma semelhança entre si muito maior do que qualquer outro tipo. Foi praticamente o único difundido na Europa no século XVI, e por isso o único usado por Erasmo na publicação do Novo Testamento Grego em 1516, que se tornou base para o *Textus Receptus* (texto recebido). Este texto dominou até 1881, quando Westcott e Hort demonstraram sua inferioridade.

Quanto às evidências internas, dá-se preferência à leitura mais curta onde parece haver mudanças deliberadas (pois parece que os escribas eram mais relutantes em omitir alguma coisa, do que em acrescentar para tentar corrigir). Outro critério é dar preferência à leitura diferente de passagem paralela (pois os escribas tendiam a eliminar aparentes contradições). Por fim, dá-se preferência a leitura, caso seja julgada original, que explique melhor a origem das outras.

Para a Crítica Textual de um texto, são necessários o texto no original (com o aparato crítico) e algum manual de auxílio para a identificação do aparato e avaliação do mesmo. Para o Antigo Testamento sugere-se a Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS), que traz o aparato crítico com todas as variantes, e os manuscritos e versões que apresentam as mesmas.<sup>13</sup> O Manual da Bíblia Hebraica,

<sup>12</sup> *Ibidim*, p. 74-75.

<sup>13</sup> Está previsto para 2010 a Bíblia Hebraica Quinta (BHQ), que sucederá a BHS, trazendo inúmeras atualizações (FRANCISCO, E. F. Manual da Bíblia Hebraica, p. 160).

recentemente laçado por Edson de Faria Francisco, constitui-se numa ferramenta de auxílio para a identificação e avaliação das variantes.

Para o estudo da Crítica Textual do Novo Testamento, sugere-se o *Novum Testamentum Graece* (27ª edição de Nestle-Aland) ou o *The Greek New Testament* (4ª edição da Sociedade Bíblica Unida). Ambos os textos trazem o aparato crítico. Wilson Paroschi desenvolveu um interessante estudo a respeito da “Crítica Textual do Novo Testamento”, que se constitui, com certeza, numa excelente ferramenta para esta análise. Uwe Wegner, em sua obra “Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia”, reserva um capítulo completo para a crítica textual, no qual apresenta o aparato e o funcionamento de ambas as edições do texto grego.

## II – CONTEXTO

A consideração do contexto de uma perícopa em estudo apresenta três aspectos distintos: o estudo do contexto histórico, do contexto literário e do contexto cultural.

### 2.1 Contexto Histórico

Observar o contexto histórico significa familiarizar-se com o contexto histórico geral, ou seja, perguntar-se por: autor (quem?), ocasião (quando?), lugar (onde?), destinatários (para quem?), relação entre eles, circunstâncias do momento, situação histórica que originou o escrito, tema principal do livro, ênfases principais, propósito do autor, etc.

Deve-se seguir todas as pistas que o texto oferece, com relação a este aspecto. O objetivo é “refazer” a situação histórica em que o texto teve lugar o mais exatamente possível.<sup>14</sup> Para este passo, deve-se utilizar as introduções ao Antigo e Novo Testamento, Dicionários, Enciclopédias Bíblicas, e as introduções a comentários bíblicos, que geralmente trazem este aspecto histórico do livro em questão.

### 2.2 Contexto Literário

Verificar o contexto literário significa familiarizar-se com: (1) o contexto imediato (anterior e posterior) e (2) o contexto maior, fazendo um resumo dos mesmos, de maneira que o texto que será estudado se localize de forma natural dentro do seu contexto. Em poucas palavras, é verificar porque o autor inseriu determinado argumento exatamente neste ponto do seu escrito.

Gordon Fee afirma que para a consideração do contexto literário é necessário aprender a seguir o argumento do autor, como resposta ao problema descrito e descoberto no estudo do contexto histórico. É importante aprender a ler e pensar em PARAGRAFOS. O que o autor quis dizer neste parágrafo? Qual é a razão de ser disto?<sup>15</sup>

### 2.3 Contexto Cultural

Não levar em consideração o contexto cultural consiste num dos problemas mais graves na interpretação bíblica. Precisa-se levar em conta as frases e os parágrafos que antecedem e sucedem o versículo em questão e considerar o contexto cultural em que aquela passagem e até mesmo o livro inteiro foram escritos. É preciso esvaziar as mentes de todas as idéias, opiniões e métodos modernos e procurar transportar-se para a época e o ambiente em que viviam os apóstolos e os profetas que a escreveram.

Que se quer dizer com cultura? *Cultura* é o “conjunto dos moldes de comportamento, crenças, instituições e valores espirituais e materiais característicos de uma sociedade”. Envolve o que as pessoas *pensam* (e, portanto, crêem), *dizem*, *fazem* e *produzem*.<sup>16</sup> Quando se abre as Escrituras é como se o intérprete estivesse entrando num país estranho.

Além dos quatro aspectos culturais (pensar [crer], falar, agir e produzir), Zuck alista mais 11 categorias de fatores culturais<sup>17</sup>:

<sup>14</sup> MÜLLER, E. In: FEE, G. Entendes o que lêes?, p. 284.

<sup>15</sup> FEE, G. *Op. cit.*, p. 39.

<sup>16</sup> ZUCK, R. A interpretação bíblica, p. 90.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 92-103.

- **Política** (*nacional, internacional e civil*): Por que Belsazar concedeu o 3º lugar no reino Babilônico, e não o 2º? Por que ele era o 2º e seu pai, Nabonido, o 1º. Por que Jonas não queria ir a Nínive? Porque os ninivitas eram cruéis com seus inimigos e Jonas queria que Deus os julgasse.
- **Religião**: Por que Deus lançou dez pragas sobre o Egito, e por que foram estas e não outras? Porque todas elas foram atos de contestação da validade dos deuses e deusas egípcias, atacando e expondo a incapacidade e a falsidade dos mesmos. Por que Elias propôs que o monte Carmelo fosse o local de sua disputa com os 450 profetas de Baal? Porque seus seguidores criam que ali Baal habitasse. Se jogando na sua casa, Baal não conseguisse nada, sua incapacidade seria evidente.
- **Economia**: Por que o parente mais chegado de Elimeleque deu uma sandália a Boaz? Porque este ato simbolizava a cessão de direitos de uma pessoa sobre a terra que pisava.
- **Leis**: A expressão “o primogênito de toda criação” (Cl 1.15) significa que Cristo foi criado? Não, mas que ele é o herdeiro de toda a criação.
- **Agricultura**: Jesus cometeu um erro quando disse que a semente de mostarda é a menor de todas? Não. Mesmo que a semente de orquídea seja menor, a de mostarda era a menor conhecida na Palestina (750 sementes = 1 grama).
- **Arquitetura**: Como Raabe podia ter uma casa em cima de uma muralha? Suas muralhas eram duplas. Jesus nasceu numa estrebaria?
- **Vestimentas**: Que significa “cingir os lombos”? Colocar a túnica por dentro da cintura, para ter maior agilidade ao correr, trabalhar ou guerrear. Assim, a ordem é de um estado de alerta e capacidade de reação rápida.
- **Vida Doméstica**: Por que o Senhor falou da erva que é lançada no fogo? Porque nos fornos de barro, se assavam pães, aquecidos pela queima de capim.
- **Geografia**: Por que Jesus falou de um homem que “desceu” de Jerusalém para Jericó? Porque ao falar que o sacerdote descia pelo mesmo caminho, estava afirmando que ele não estava indo para seu trabalho, mas voltando do mesmo e, portanto, tinha todo o tempo disponível para ajudar o homem ferido.
- **Organização Militar**: Por que Paulo afirmou, em 2 Co 2.14, que Deus “em Cristo sempre nos conduz em triunfo...”? Porque esta era a forma como um general romano retornava vitorioso de uma batalha, marchando à frente de seus soldados pelas ruas de sua cidade natal.
- **Estrutura Social**: Por que as pessoas jogavam pó sobre suas cabeças? Demonstavam com isto o pesar que sentiam, como se estivessem numa sepultura, debaixo da terra.

O desconhecimento de tais costumes pode levar a um entendimento errado do significado dos textos. Por isso, é extremamente importante considerar estas questões para uma interpretação coerente das Escrituras.

Finalmente, para verificar se os costumes bíblicos estão restritos a certas culturas ou se as transcendem, pode-se aplicar três questões: a) ver se o costume naquela cultura tem um significado diferente que na cultura atual; b) se o costume tem significado diferente, descobrir o princípio permanente que o norteia; c) verificar como este princípio pode ser expressado num equivalente cultural.<sup>18</sup>

Neste passo, algumas obras podem ajudar:

COLEMAN, William L. Manual dos tempos e costumes bíblicos. Trad. Myriam Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

DANIEL-ROPS, Henri. A vida diária nos tempos de Jesus. Trad. Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1983. 322 p.

EDERSHEIM, Alfred. La vida y los tiempos de Jesus el Messias. Tomo I e II. Trad. Xavier Vila. Barcelona: CLIE, 1988. 841 p. e 853 p.

<sup>18</sup> ZUCK, R. A interpretação bíblica, p. 110.

GOWER, Ralph. Usos e costumes dos tempos bíblicos. Trad. Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 393 p.

JEREMIAS, Joachim. Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Trad. Cecília M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1983. 512 p.

LURKER, Manfred. Dicionário de figuras e símbolos bíblicos. Trad. João Resende Costa São Paulo: Paulus, 1993. 299 p.

PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill.C.; WHITE Jr., William. O mundo do Novo Testamento. São Paulo: Vida, 1996. 181 p.

PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill.C.; WHITE Jr., William. Vida cotidiana nos tempos bíblicos. Trad. Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2001. 191 p.

PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill.C.; WHITE Jr., William. O mundo do Antigo Testamento. São Paulo: Vida, 1988. 188 p.

ROBERTSON, A. T. Imágenes verbales en el Nuevo Testamento. Barcelona: CLIE, 1988. 6 Vol.

VAUX, R. de. Instituições de Israel no Antigo Testamento. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. 624 p.

### III – TRADUÇÃO

A tradução “é simplesmente a transposição de uma composição literária de uma língua para a outra.”<sup>19</sup> Elliot afirma que as metas de uma tradução podem ser resumidas em quatro aspectos: exatidão, adaptação, naturalidade e forma. O autor explica:

Na “exatidão”, a mensagem ou conteúdo que o autor pretendeu comunicar no documento original deve ser transmitida de maneira que o leitor da tradução receba a mesma mensagem. A “adaptação” diz respeito a expressar essa mensagem em um estilo que reflita a atitude e intenção do autor. “Naturalidade” significa traduzir de modo que o leitor sinta que sua língua foi empregada como ele a usaria, de uma maneira que lhe permita ler pelo seu significado. A “forma” na qual o original foi escrito deve estar retratada na tradução, se isso puder ser feito sem distorcer a exatidão, a adaptação e a naturalidade.<sup>20</sup>

Em termos práticos, para a tradução de um texto pode-se utilizar tabelas de tradução, conforme modelo abaixo, que apresentam diversas vantagens.

#### 3.1 Tabela para tradução do hebraico

V	Forma no Texto	Forma Léxica		Categ	Grau	Tp	Pe	Gn	N	Cas.	Uso Significado	Tradução
		Raiz	Afix									
1	בְּרֵשִׁית	רֵשִׁית	בְּ	Subst.	-	-	-	F	S	-	começo, princípio, o primeiro.	Em princípio
	בָּרָא	בָּרָא		Verbo	Qal	Perf	3	M	S	-	criar (somente por Deus)	criou
	אֱלֹהִים	אֱלֹהִים		Subst	-	-	-	M	P	-	Deus, divindade	Deus
	אֵת	אֵת		Part. Acus.	-	-	-	-	-	-	apenas indica o acusativo	-
	הַשָּׁמַיִם	שָׁמַיִם	הַ	Subst	-	-	-	M	P	-	firmamento, céu	o céu
	וְאֵת	אֵת	וְ	Conj. + P.Acus.	-	-	-	-	-	-	apenas indica o acusativo	e
	הָאָרֶץ	אָרֶץ	הָ	Subst	-	-	-	F	S	-	terra, chão, a Terra	a terra

Alguns materiais essenciais para a tradução do hebraico são:

<sup>19</sup> GEISLER, N.; NIX, W. Introdução Bíblica, p. 183.

<sup>20</sup> ELLIOT, R. Tradução da Bíblia. In: COMFORT, P. W. A origem da Bíblia, p. 321. Todo o capítulo sobre a tradução da Bíblia merece ser considerado (p. 321-359).

DAVIDSON, Benjamin. *The analytical hebrew and chaldee lexicon*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1970. 784 p.

GUSSO, A. R. *Gramática instrumental do hebraico passo a passo*. São Paulo: Vida Nova, 2005. 308 p.

HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

KELLEY, Page H. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000. 456 p.

KIRST, N; et. al. (elab.). *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. 8.ed. São Leopoldo e Petrópolis: Sinodal e Vozes, 1997. 305 p.

MENDES, Paulo. *Noções do hebraico bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 1981. 192 p.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. Trad. Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997. 798 p.

### 3.2 Tabela para tradução do grego

A tabela a seguir facilita a tradução e a exatidão nas análises da tradução do texto grego:

Tabela para tradução - Grego										Texto: João 13.34		
v.	Forma no Texto	Categoria	Temp.	Mod	Voz	P	N	Cas.	Gn	Uso Significado	Forma Léxica	Tradução
34	ἐντολήν	Subst	-	-	-	-	S	Ac	F	mandamento ordem, decr.	ἐντολή	Mandamento
	καινήν	Adjet.	-	-	-	-	S	Ac	F	novo	καινός	novo
	δίδομι	Verbo	Pres	Ind	At	1	S	-	-	dar, conceder	δίδομι	estou dando
	ὑμῖν,	Pron. Pess.	-	-	-	2	P	LID	-	vós	ὑμεῖς	a vós
	ἵνα	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	afim de que, de modo que	ἵνα	afim de que
	ἀγαπάτε	Verbo	Pres	Sub	At	2	P	-	-	amar	ἀγαπάω	vós ameis
	ἀλλήλους,	Pron. Rec.	-	-	-	-	P	Ac	M	uns aos outros	ἀλλήλων	uns aos outros,
	καθώς	Advérb.	-	-	-	-	-	-	-	assim como	καθώς	assim como
	ἠγάπησα	Verbo	1 Aor	Ind	At	1	S	-	-	amar	ἀγαπάω	eu amei
	ὑμᾶς	Pron. Pess.	-	-	-	2	P	Ac	-	vós	ὑμεῖς	a vós
	ἵνα	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	que, afim de que, de modo que	ἵνα	que
	καὶ	Conj.	-	-	-	-	-	-	-	e, também	καὶ	também
	ὑμεῖς	Pron. Pess.	-	-	-	2	P	Nom	-	vós	ὑμεῖς	VÓS
	ἀγαπάτε	Verbo	Pres	Sub	At	2	P	-	-	amar	ἀγαπάω	ameis
	ἀλλήλους.	Pron. Rec.	-	-	-	-	P	Ac	-	uns aos outros	ἀλλήλων	uns aos outros.

Algumas observações:

v. = versículo do texto que está sendo traduzido

Forma no texto = forma original no texto que está sendo traduzido

Categoria = classe da palavra que está sendo analisada

Temp. = tempo verbal, no caso da palavra ser um verbo

Mod. = modo em que o verbo se encontra

Voz = voz do verbo (ativa, média ou passiva)

P. = pessoa do verbo (primeira, segunda ou terceira)

N. = número do verbo (singular ou plural)

Cas. = caso em que a palavra se encontra (nominativo, acusativo, dativo, etc).

Gn. = gênero da palavra (masculino, feminino ou neutro)

Uso/Significado = significados que a palavra pode ter ou algum aspecto especial da mesma

Forma Léxica = a forma como a palavra é encontrada no dicionário

Tradução = a partir da análise anterior, a tradução mais exata possível.

Para a tradução do texto grego, sugerem-se os seguintes materiais auxiliares:

COENEN, Lothar e BROWN, Colin (edit). Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Trad. Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

GINGRICH, F. Wilbur e DANKER, F. W. Léxico do Novo Testamento Grego / Português. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984. 228 p.

TAYLOR, William C. Dicionário do Novo Testamento grego. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 247 p.

LASOR, William Sanford. Gramática sintática do Novo Testamento. Trad. Rubens Paes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 192 p.

LUZ, Waldir Carvalho. Gramática do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 1991. 3 vol.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. Noções do grego bíblico: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004. 410 p.

RIENECKER, F.; ROGERS, C. Chave lingüística do NT grego. Trad. Gordon Chown e Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988. 639 p.

*THE ANALYTICAL GREEK LEXICON*. Grand Rapids: Zondervan, 1967. 444 p.

## IV – ANÁLISES

### 4.1 Análise Léxica

A análise léxica (ou lexicográfica) preocupa-se com o uso e o significado de uma determinada palavra no livro em que está sendo usada, em toda a Bíblia e, se possível, também fora dela. Preocupa-se também com o uso de palavras raras e de *hapax legómena*, bem como de palavras repetidas.

Gordon Fee lembra que em qualquer texto literário as palavras são o material básico de construção para se comunicar o significado. Deve-se recordar também que as palavras funcionam dentro de um contexto. Portanto, mesmo que a palavra possa ter um amplo significado, a tarefa da análise léxica na exegese é entender, com a precisão que for possível, o que o autor queria comunicar com o uso de certa palavra em determinado contexto.<sup>21</sup> Martínez concorda, afirmando que o hebraico do Antigo Testamento e o grego do Novo Testamento não são alheios à evolução semântica. Isso obriga o intérprete a considerar o *usus loquendi*, isto é, o significado que normalmente tinha uma palavra na linguagem comum, numa determinada época.<sup>22</sup>

A importância deste estudo é evitar alguns erros elementares que por vezes tem ocorrido nas interpretações. Evitaria-se, assim, por exemplo, que em inúmeros estudos e pregações, as alfarrobas de Lc 15.16 fossem transformadas em “lavagem” (água com restos de comida para porcos), enquanto constituem apenas o fruto da alfarrobeira (bagas pretas e amargas que os porcos arrancavam de arbustos baixos - alfarrobeira selvagem que cresce nas pastagens do Oriente Médio).<sup>23</sup>

Alguns passos para a análise léxica podem ser os seguintes: a) ***Definir os termos e conceitos principais dentro do texto em questão***. Reconhecer as palavras, mesmo que já conhecidas, que contenham conteúdo teológico; anotar as palavras que pareçam ser ambíguas; verificar as palavras que

<sup>21</sup> FEE, G. D. *Exegesis del Nuevo Testamento*, p. 75.

<sup>22</sup> MARTÍNEZ, J. M. *Hermeneutica bíblica*, p. 137.

<sup>23</sup> BAILEY, K. *As parábolas de Lucas*, p. 222.

se repetem na mesma perícopa. b) **Estabelecer o campo de significados destas palavras**. Verificar a história da palavra e seu desenvolvimento (com o auxílio de léxicos e dicionários); procurar o significado do termo no ambiente greco-romano e judeu contemporâneo; descobrir como a palavra é utilizada no restante da Bíblia, ou pelo menos, no mesmo testamento; determinar como o autor usa a mesma palavra no restante dos seus escritos. c) **Analisar o contexto com cuidado para determinar o significado mais provável na perícopa em estudo**. Verificar se o contexto ajuda a limitar as opções de significado e se o autor usa a palavra em conjunção ou contraste com outras palavras.<sup>24</sup>

## 4.2 Análise Morfológica

A morfologia trata da flexão das palavras, ou seja, de como elas são formadas ou conjugadas. É evidente que a maneira como as palavras são formadas reflete seu significado. Tanto no grego como no hebraico, o sentido das palavras também é modificado por meio de suas flexões.

Assim, os *substantivos* que nomeiam algo, podem estar no singular ou plural, apresentam um gênero e podem aparecer em diferentes graus (aumentativo, diminutivo). Os *pronomes* substituem um substantivo ou fazem referência a algo já citado. Os *adjetivos* modificam ou qualificam um substantivo. As *preposições* indicam a relação que as palavras tem umas com as outras. As *conjunções* indicam as relações de uma frase com a outra. Os *verbos* designam uma ação ou estado de alguma coisa, e apresentam uma infinidade de variações (de tempo, de voz, de modo). Os *advérbios* modificam ou caracterizam um verbo. E as *interjeições* exprimem estados de emoção.

Considerar todas estas possibilidades é a tarefa da análise morfológica, que por alguns autores é também chamada de análise gramatical. Müller afirma:

Em suma, procura-se entender as palavras na sua relação com as palavras mais próximas, compreender o significado das frases e da sua relação umas com as outras, para que se chegue à compreensão de todo o parágrafo ou período estudado.<sup>25</sup>

## 4.3 Análise Estilística

A análise estilística se preocupa com a maneira pela qual o autor procurou dar maior expressividade, maior colorido, maior vivacidade ao seu texto. Estudar o estilo de um autor equivale estudar as chamadas “figuras”. Silva alista alguns dos estilos mais utilizados<sup>26</sup>:

a) **Polissíndeto e Assíndeto**: o *polissíndeto* é o uso exagerado da conjunção grega *kai* (*e*). Com isto o texto adquire continuidade, vivacidade e fluidez. Por outro lado o *assíndeto* é a ausência de conjunções, assim cada expressão mantém sua própria independência e significação (Mc 4.35-31 e Ef 4.11).

b) **Poliptoto**: é a repetição da mesma palavra com diferentes flexões, sendo muito comum com verbos, nomes, pronomes e adjetivos. Tal figura tem uma função enfática (Mc 4.41).

c) **Pleonasm**: designa o emprego de termos desnecessários, com finalidade enfática. Não acrescenta nada de novo, mas quer chamar a atenção do leitor (Mc 4.37; 1 Jo 1.1).

d) **Merismo**: esta figura exprime a totalidade, mencionando as partes, geralmente os extremos (Mc 4.41b => vento e mar: dois elementos do caos primordial. Jesus não apenas acalmou uma brisa um pouco mais forte e conduziu uma travessia no mar da Galiléia, mas mostrou seu poder sobre a totalidade do universo criado).

e) **Dualidade**: consiste em unir duas expressões com funções semelhantes (dupla indicação temporal, duplo imperativo, dupla afirmação, etc). Muitas vezes a segunda esclarece a primeira, ou dela fornece detalhes (Mc 4.35, 38, 39, 40).

f) **Quiasmo**: consiste em organizar o texto em dois períodos consecutivos, de modo que no segundo período, reapareçam os mesmos elementos do primeiro, mas em ordem inversa. Neste texto (Mc 4.37-39) pode-se ver a seguinte estrutura.

<sup>24</sup> FEE, G. D. *Op. Cit.*, p. 76-77.

<sup>25</sup> MÜLLER, E. In: FEE, G. Entendes o que lê?, p. 283.

<sup>26</sup> SILVA, C. M. D. Metodologia de exegese bíblica, p. 155-164. Zuck amplia esta discussão, alistando 25 figuras de linguagem que podem ser encontrados nos textos bíblicos (ZUCK, R. A interpretação bíblica, p. 174-188).

- A – Tempestade – lançava-se contra o barco  
 B – Jesus – estava dormindo  
 C – Discípulos – despertam Jesus  
 B' – Jesus – levantou-se e repreendeu  
 A' – Tempestade – cessou

g) **Paralelismo**: quando os elementos se repetem na mesma ordem, tem-se um paralelismo. O mesmo texto (Mc 4.37-39) mostra esta estrutura:

- A – Atividade – da tempestade  
 B – Inatividade – de Jesus  
 A' – Atividade – de Jesus  
 B' – Inatividade – da tempestade

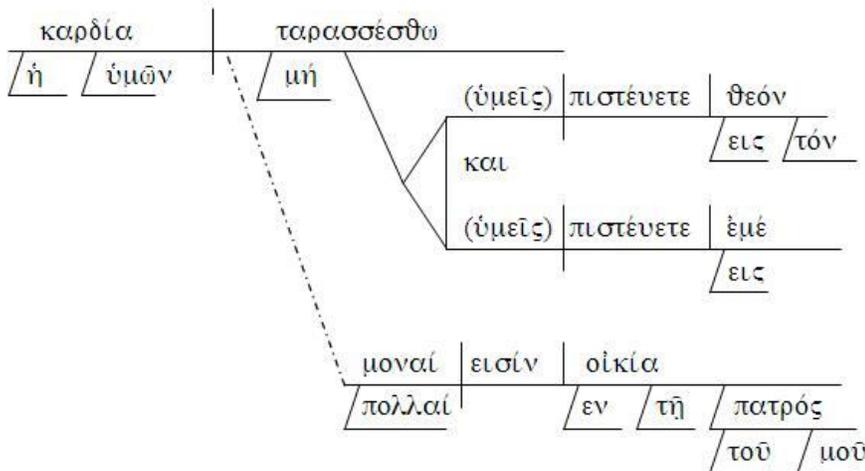
h) **Hipérbole**: um exagero considerável, que visa causar impressão no leitor (Mc 4.37c).

#### 4.4 Análise Sintática

A análise sintática é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si. Analisa, portanto, as diversas classes de palavras (sujeitos, verbos, adjetivos, advérbios, conjunções, orações subordinadas, frases proposições, etc.) e as conexões entre elas.

Dois obras que podem auxiliar na análise sintática de um texto são “Fundamentos para exegese do Antigo Testamento (manual de sintaxe hebraica)” e “Fundamentos para a Exegese do Novo Testamento (manual de sintaxe grega)”, ambas de Carlos Osvaldo Pinto. Nestas obras, o autor discute a sintaxe de cada classe de palavras, bem como faz uma proposta de diagramação sintática.<sup>27</sup> Outro autor que expõe uma forma de análise sintática em forma de diagramação, para o grego, é William Sanford Lasor, em sua “Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento” (p. 23ss).

Lasor afirma que “não há nada melhor para ajudar a perceber a estrutura e o sentido de uma passagem do que a diagramação das orações”.<sup>28</sup> A seguir, propõe-se um pequeno diagrama, a modo de exemplo. O texto de João 14.1ss diz: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas...” (RA).



O diagrama esclarece que o mandamento dado inicialmente (de que o coração não deve se perturbar), pode ser cumprido pela ordem dupla de crer (em Deus e em Cristo), motivado pela garantia dada logo a seguir (as muitas moradas que estão na casa do Pai).

<sup>27</sup> PINTO, C. O. C. Fundamentos para a exegese do Novo Testamento, p. 117-127.

<sup>28</sup> LASOR, W. S. Gramática sintática do grego do Novo Testamento, p. 23.

#### 4.5 Análise Literária

A forma de um texto geralmente diz muito sobre a sua interpretação. Uma parábola deve ser lida de forma diferente do trecho de uma carta. Este por sua vez é diferente de uma profecia, de um salmo, de um provérbio, de uma lei ou de uma história de milagre. O estudo de várias formas literárias que se encontram na Bíblia ajuda muito aqui. O texto, então, deve ser interpretado levando-se em conta a sua forma literária.<sup>29</sup>

Roy Zuck alista diferentes tipos de gêneros literários<sup>30</sup>:

a) **Jurídica**: o Pentateuco é o exemplo clássico (Ex 20-40; Lv; Nm 5,6,15,18,19ss; Dt). Dentro da literatura jurídica encontra-se: a) **Lei Apodíptica**: não são leis completas necessariamente (Não matará); e b) **Lei Casuística**: leis específicas, apresentadas por uma condição (se). (Ex 23.1ss).

b) **Narrativa**: é uma história relatada com o objetivo de transmitir uma mensagem por meio de pessoas, problemas e circunstâncias. Não são biografias completas, mas material cuidadosamente selecionado (Ex: 2 Sm e 1/2 Cr). Geralmente apresentam um problema, trazem as implicações e no clímax uma solução e terminam com o problema resolvido. Há seis tipos de narrativas:

- a. **Tragédia**: história da decadência de um indivíduo, do apogeu ao desastre (Sansão, Saul, Salomão).
- b. **Épico**: uma série de episódios centralizados numa pessoa ou num grupo (peregrinação dos israelitas no deserto).
- c. **Romance**: aborda a relação romântica entre um homem e uma mulher (Rute e Cantares).
- d. **Heróico**: história tecida em torno da vida e dos feitos de um herói ou protagonista (Abraão, Davi, Gideão, Daniel, Paulo).
- e. **Sátira**: exposição das falhas ou loucuras humanas por meio de ridicularização ou da crítica. (Jonas, Filho Pródigo). Geralmente terminam de forma abrupta, sem que o problema seja resolvido.
- f. **Polêmica**: ataca agressivamente ou contesta idéias de terceiros (contenda de Elias com os profetas de Baal; pragas contra os deuses do Egito).

c) **Poesia**: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, Cântico de Ana, Cântico de Maria, Palavras de Zacarias, etc. Geralmente são uma rima (paralelismo) de idéias (enquanto no ocidente rima é de sons). Alguns tipos de poesia:

- a. **Lamentação coletiva**: Sl 12,44,80,137.
- b. **Lamentação individual**: Sl 3,22,31,39,139.
- c. **Louvor coletivo**: Sl 65,67,75,107,124,136.
- d. **Louvor Individual**: Sl 18,30,32,34.
- e. **Hinos de louvor**: Sl 66,100,111,114,149.

OBS: há ainda os salmos de Sião, de sabedoria, de confiança, messiânicos, de peregrinação, imprecatórios, etc. Os salmos devem ser vistos como uma orientação para a adoração, ensino para um relacionamento honesto com Deus e para incentivar a refletir sobre o que Deus tem feito pelo ser humano. Em outras palavras, não servem como doutrina.

d) **Literatura Sapiencial**: toda a literatura sapiencial é poética, mas nem toda literatura poética é sapiencial. Há dois tipos:

- a. **Proverbial**: verdades gerais fundamentadas na larga experiência e na observação. Em geral mostram-se verdadeiros. São diretrizes e não garantias; preceitos e não promessas. Podem haver exceções. (Provérbios).
- b. **Reflexiva**: compreende discussões sobre os mistérios da vida (Jó, Ec).

e) **Evangelhos**: são narrativas históricas, mas não apenas para registrar informações biográficas, pois também apresentam doutrinas. Seu objetivo é explicar e louvar a Pessoa e a Obra de Jesus Cristo (Mt, Mc, Lc, Jo).

f) **Discurso Lógico**: é a literatura epistolar (Rm a Jd). Geralmente começam citando o autor, o destinatário, a saudação, e alguns agradecimentos. Não são cartas comuns, pois transmitem mensagens de Deus. São endereçadas a grupos ou a indivíduos. Há dois tipos:

<sup>29</sup> MÜLLER, E. In: FEE, G. Entendes o que lêes?, p. 284.

<sup>30</sup> ZUCK, R. A interpretação bíblica, p. 148-156.

- a. **Discurso expositivo**: explica determinadas verdades ou doutrinas apoiadas na lógica.
- b. **Discurso exortativo**: exorta a seguir determinados comportamentos ou à aquisição de certas características em face das verdades expostas no texto.

g) **Literatura Profética**: consiste em textos que trazem predições feitas na época de sua redação incluindo determinações para que os ouvintes modifiquem suas vidas em função das predições. Um tipo especial é a literatura apocalíptica (com ênfase no fim dos tempos).

A atenção ao gênero literário impede de transformar uma passagem no que ela não é, tanto para mais quanto para menos. A observação da qualidade literária da Bíblia ajuda a destacar sua beleza artística e a mostrar ao intérprete um retrato mais fiel das Escrituras e o modo como o conteúdo é transmitido.

#### 4.6 Análise Teológica

A Bíblia é a fonte de conhecimentos teológicos. Esses conhecimentos podem ser encontrados de forma explícita ou implícita. Assim sendo, poucas vezes são encontrados registrados de uma forma sistemática. É tarefa do intérprete sistematizar a doutrina bíblica.

Na Bíblia pode-se encontrar: a) afirmações doutrinárias claras (por ex: Dt 6.4 = "...O Senhor nosso Deus é o único Deus"); b) afirmações doutrinárias indiretas (por ex: a existência de Deus não é provada na Bíblia, mas pressuposta desde Gn 1); c) palavras e frases doutrinárias: (por ex: redenção, carne, reino de Deus, o Senhor do senhores, a santificação do Espírito, etc.); d) textos doutrinários mais extensos: (por ex: Rm 3.21 a 5.21 = justificação; Rm 8.14-39 = glorificação; etc.).

Neste passo, o intérprete deve identificar se no texto em estudo há algum tema teológico que pode ou precisa ser analisado à luz da teologia sistemática. Neste caso, deve-se recorrer a um manual de teologia e verificar o que o mesmo pode esclarecer sobre o texto, bem como se outras passagens sobre o mesmo tema teológico possam lançar luz sobre a perícopes em estudo. Abaixo, uma estrutura teológica básica:

**I - Bibliologia**: revelação, inspiração, canonização, preservação, características das Escrituras.

**II - Teologia Própria**: definições de Deus, o Ser de Deus, os atributos de Deus, Trindade Divina, Deus Pai.

**III - Cosmologia**: os decretos, a criação, a providência, a criação celeste: anjos, demônios e Satanás.

**IV - Antropologia**: a origem do homem, a imagem de Deus no homem, constituição do homem, queda do homem.

**V - Hamartiologia**: definição de pecado, origem do pecado, natureza e características, conseqüências do pecado.

**VI - Cristologia**: humanidade de Cristo, divindade de Cristo, união das naturezas, heresias sobre Cristo, estados de Cristo, ofícios de Cristo, obra de Cristo: vida, morte, ressurreição, ascensão e volta.

**VII - Soteriologia**: eleição: predestinação e livre arbítrio, conversão, regeneração, união com Cristo, justificação, adoção, santificação, perseverança, glorificação.

**VIII - Pneumatologia**: divindade do Espírito Santo, personalidade do Espírito Santo, promessa do derramamento, cumprimento do derramamento, batismo no Espírito Santo, plenitude do Espírito Santo, obra do Espírito Santo, dons do Espírito Santo.

**IX - Ecclesiologia**: definição de igreja, governo, disciplina, batismo, ceia.

**X - Escatologia**: volta de Cristo, milênio, arrebatamento, tribulação, juízo, ressurreição, estado eterno

#### V – SÍNTESE

A síntese, como o próprio termo já define, significa um resumo de tudo aquilo que foi verificado anteriormente nos passos da exegese. Usa-se desde os aspectos a respeito do texto (visão geral, delimitação e aspectos da crítica textual) como também do contexto (histórico, literário e cultural).

A tradução feita pelo intérprete deve sempre ser considerada primeiramente, aproveitando neste momento, para se fazer comparações com diversas traduções existentes do mesmo texto. A análise

léxica de termos específicos e chaves, dentro da perícopa em estudo, precisa ser levada em conta. Considerar também aspectos gramaticais do texto, bem como a presença de algum estilo específico do autor. A análise sintática, na qual percebe-se a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si é fundamental para sintetizar o pensamento do autor. Aqui o diagrama de fluxo das orações ajuda e facilita na compreensão do texto.

A análise literária dos diferentes tipos de texto (parábola, profecia, texto histórico, poesia, etc), precisa ser considerada também. Não menos importante é o que pode ser identificado na análise teológica, comparando-se as idéias centrais com o restante das Escrituras Sagradas e da teologia como um todo.

Além dos passos da exegese realizados até aqui, mais três aspectos precisam ser levados em conta para esta síntese a respeito do texto. São eles:

### 5.1 Correlação

Correlação significa estabelecer uma relação entre os versículos estudados ou entre as verdades descobertas no texto. A correlação pode ser feita através de alguns meios:

**a) Referências:** quando o conteúdo de uma passagem ajuda a esclarecer o de outra. Pode ser através de *referências de palavras* (se há alguma palavra chave no texto, relacionar com outros textos), *referências paralelas* (por exemplo relatos de acontecimentos nos evangelhos), *referências correspondentes* (analisar passagens citadas do AT, ou mesmo do NT), *referências de idéias* (captar o pensamento do autor e compará-lo com outra passagem), ou *referências de contraste* (como por exemplo a atitude de Jesus e de Eva diante da tentação).

**b) Esboços:** alguns intérpretes preferem usar um esboço minucioso para a correlação de uma passagem. Este tipo de esboço inclui todas as idéias mencionadas no texto sem omitir nenhum pormenor.

**c) Gráficos:** é um dos meios eficientes de captar a unidade de uma passagem, livro ou tópico. Seu propósito é propiciar uma visão geral dos pensamentos principais, e assim relacioná-los uns com os outros. O gráfico não substitui o esboço. Na verdade o gráfico utilizará o esboço, e será uma das últimas coisas que se fará no estudo de uma passagem. Existem vários tipos de gráficos: gráficos de inspeção geral, gráfico comparativo, gráfico cronológico, gráfico ilustrativo, ou ainda gráficos combinados.<sup>31</sup>

O objetivo é correlacionar as várias idéias do estudo umas com as outras. É necessário um pouco de criatividade para este passo, mas ele é essencial para captar e transmitir a idéia central da passagem em estudo.

### 5.2 Atualização

O intérprete de um texto bíblico deve traduzir seu significado em termos apropriados às necessidades de hoje. Sua tarefa é aplicar sempre o ensinamento central do texto à situação de vida da pessoa que está ouvindo sua interpretação. Fee demonstra esta preocupação, ao lembrar que todo escrito está num determinado contexto e que, através de um processo exegético, deve-se descobrir seu significado, sua lição, com alto grau de exatidão. O que precisa ser feito, então, é traduzir essa mesma lição para o contexto atual, de tal forma que os ouvintes de hoje possam sentir a ira, ou a alegria, que os ouvintes/leitores originais experimentaram.<sup>32</sup>

Zuck afirma que o fato de Deus ter feito algo por alguém no passado não significa que se pode esperar que faça o mesmo nos dias atuais. O que precisa ser feito é identificar o princípio que está contido no texto. Um princípio “é uma afirmação generalizada, deduzida a partir da situação original específica na época e aplicada hoje a situações diferentes, embora específicas”.<sup>33</sup> Zuck afirma ainda que precisam ser tomados dois cuidados: primeiro, que o princípio deve ser extraído do próprio texto; segundo, que se deve ter certeza que este princípio está de acordo com o restante das Escrituras.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> Um exemplo interessante de uso de gráficos é de Walter A. Henrichsen, em seu comentário da Carta aos Hebreus: “Depois do Sacrifício”.

<sup>32</sup> FEE, G. D.; STUART, D. Entendes o que lês?, p. 133.

<sup>33</sup> ZUCK, R. A interpretação bíblica, p. 331-332.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 333.

Müller, ao falar sobre a atualização de um texto, afirma:

No que diz respeito às conclusões finais, porém, sobre o sentido do texto, o papel do intérprete é, uma vez consciente do seu horizonte e dos fatores condicionantes que ele encerra, exatamente estar alerta para evitar que essas conclusões sejam manipuladas por ele mesmo (isso representa um certo esforço por se abstrair e deixar o texto falar). É o tipo de coisa que Bonhoefer queria dizer com “deixar o texto falar contra nós” (conforme também repetidas declarações de Lutero nesse sentido), se realmente estamos, em nossa prática, contra ele.<sup>35</sup>

### 5.3 Aplicação

"O propósito primário da Bíblia é mudar as nossas vidas, e não aumentar o nosso conhecimento". Por isso, é necessário praticar na vida cristã diária o que foi estudado.

Alguns passos podem ajudar:

a) *Usar o princípio da observação*: durante os vários passos do estudo de um texto, deve-se ir anotando aqueles aspectos possíveis de aplicação. Pode-se perguntar, então: há algum exemplo que se deve seguir? Há algum erro que se deve evitar? Há alguma ordem que se deve obedecer? Há algum pecado que se deve abandonar?

b) *Seguir as regras de interpretação*: uma boa aplicação só pode partir de uma boa interpretação.

c) *Ser seletivo*: escolher uma aplicação possível. É melhor pegar apenas um aspecto e praticá-lo, do que alistar muitos e não poder desenvolvê-los.

d) *Ser específico e pessoal*: resistir à tentação do geral. Deve-se por o dedo no centro do problema e apertar. Muitas vezes, enquanto se afirma que o problema é nosso, esquece-se que o problema é *meu*. Durante a aplicação sugere-se que se use a primeira pessoa do singular.

e) *Escrever por extenso a aplicação*: às vezes o orgulho não quer ser visto no papel, mas é necessário, para que possa ser mais específico e para ser avaliado. Deve-se formular a aplicação de tal forma que possa ser avaliada. Uma boa aplicação deve prever também uma prestação de contas.

Estes três passos não precisam necessariamente ser feitos em separado. Sugere-se, inclusive, que sejam feitos no decorrer da síntese do texto em questão, sem uma subdivisão específica e detalhada.

## CONCLUSÃO

O método histórico-gramatical procura identificar, através das palavras registradas no texto, a intenção do autor. Isto não significa que seja uma leitura superficial do texto, pois lança mão de diversos recursos exegéticos (línguas originais, história, fatores culturais, etc.). Em poucas palavras, pode-se resumir o método em três etapas: o que o texto diz, o que quer dizer, e o que quer dizer para nós hoje. Historicamente, em diversos momentos, o método teve seus representantes, especialmente na Reforma e em tempos atuais.

O método apresenta diversos passos, através dos quais o intérprete procura “deixar que o autor diga o que ele de fato quer dizer, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer” (Calvino). Assim, o sentido que é buscado no texto é o sentido natural e claro que as palavras e frases conseguem transmitir.

O passo inicial é a familiarização e o estabelecimento do *texto*. Através de uma *visão geral*, a partir de diversas observações sobre o texto, o intérprete procura fazer uma primeira aproximação do mesmo. Ainda neste passo inicial, deve-se *delimitar* o início e o final da perícopes, de modo que se tenha uma unidade completa de pensamento. Verifica-se, ainda, se há alguma variante no texto original que precisa ser considerada através da *crítica textual*.

O segundo passo é a consideração do *contexto* da perícopes em estudo. Primeiramente deve-se perguntar pelo *contexto histórico* geral. Quem foi o autor do escrito, quando escreveu, por que escreveu, para quem escreveu, quais as circunstâncias, etc., são algumas das perguntas que devem ser feitas. Após o contexto histórico, deve-se analisar o *contexto literário*, perguntando-se porque o autor colocou determinado argumento no lugar onde ele se encontra, ou seja, que relação o argumento tem com o texto imediatamente anterior ou posterior, e também com o livro todo. O terceiro contexto que

<sup>35</sup> MÜLLER, E. In: FEE, G. Entendes o que lês?, p. 288.

deve ser analisado é o *contexto cultural*, no qual devem ser considerados os costumes, as crenças, os valores espirituais e materiais das pessoas envolvidas no texto.

O terceiro passo é a *tradução* do texto. Com o auxílio de diversas ferramentas (gramáticas, dicionários, léxicos, chave lingüística, etc.), procura-se traduzir da forma mais fiel possível, considerando sempre a equivalência e adaptação para os dias atuais.

O passo seguinte compõe-se de diversas *análises* sobre o texto e a tradução realizada. A primeira análise é a *léxica*, na qual identifica-se termos chave dentro do texto que serão fundamentais para a compreensão do mesmo. Realiza-se então um estudo específico para compreender o significado do termo no texto em questão, no livro todo, na Bíblia inteira e se possível também fora dela. A segunda análise é a *análise morfológica*. Nesta, pergunta-se sobre o porquê de o autor utilizar determinada palavra daquela forma. Porque ele usou o verbo neste ou naquele tempo verbal, porque ele utiliza um pronome enfático (que a princípio seria desnecessário), como ele utiliza as preposições e conjunções, etc. A *análise estilística* mostra se o autor utilizou algum recurso especial para expressar seu argumento (quiasmo, paralelismo, hipérbole, etc).

Ainda, dentro das análises, é importante verificar a relação entre as palavras e, especialmente, a relação entre as frases, através da *análise sintática*. Uma diagramação do texto ajuda a visualizar melhor estas relações. A *análise literária* pergunta sobre o gênero literário que o autor utilizou (poesia, narrativa, profecia, provérbio, etc.). É essencial interpretar cada texto dentro daquilo que o seu gênero requer. A última das análises é a *análise teológica*, na qual o intérprete irá comparar o(s) tema(s) do texto em estudo com a teologia geral da Bíblia, a partir da estrutura teológica básica.

Finalmente, o último passo do método histórico-gramatical é a *síntese*. Neste passo, faz-se um resumo de todas as descobertas feitas nos passos anteriores, relacionando-as umas com as outras. Acrescenta-se ainda a *correlação* (usando referências cruzadas, esboço, gráficos, etc), a *atualização* (traduzindo o significado do texto e seus princípios para os dias atuais) e a *aplicação* (procurando verificar como as verdades do texto podem ser colocadas em prática na vida do intérprete e de seus leitores/ouvintes).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, K. et. al. (edit). *The Greek New Testament*. 4.ed. London: Sociedade Bíblica Unida, 1994. 1118 p.

BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.

BARCLAY, William. *As obras da carne e o fruto do Espírito*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 118 p.

\_\_\_\_\_. *Palavras Chaves do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p.

COENEN, Lothar e BROWN, Colin (edit). *Diccionario internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Myriam Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

COMFORT, Philip Wesley (edit). *A origem da Bíblia*. Trad. Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. 435 p.

CONCORDÂNCIA FIEL DO NOVO TESTAMENTO: grego-português. São José dos Campos: Fiel, 1994. 902 p.

DAHLER, Etienne. *Festas e símbolos*. Trad. Afonso Paschotte. Aparecida: Santuário, 1999. 156 p.

DANA, H. E. e MANTEY, J. *Manual de gramática del Nuevo Testamento*. El Paso: CBP, 1975. 339 p.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Trad. Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1983. 322 p.

- DAVIDSON, Benjamin. *The analytical hebrew and chaldee lexicon*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1970. 784 p.
- EDERSHEIM, Alfred. *La vida y los tiempos de Jesus el Messias*. Tomo I e II. Trad. Xavier Vila. Barcelona: CLIE, 1988. 841 p. e 853 p.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (edits). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FEE, Gordon D. *Exegesis del Nuevo Testamento: manual para estudiantes y pastores*. Deerfield: Vida, 1992. 139 p.
- \_\_\_\_\_.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêis?* São Paulo: Vida Nova, 1984. 330 p.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 2003. 270 p.
- GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1997. 253 p.
- GINGRICH, F. Wilbur e DANKER, F. W. *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984. 228 p.
- GOWER, Ralph. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*. Trad. Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 393 p.
- GUSSO, A. R. *Gramática instrumental do hebraico passo a passo*. São Paulo: Vida Nova, 2005. 308 p.
- HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.
- HENRICHSEN, Walter A. *Depois do sacrifício*. Trad. Luiz Aparecido Caruzo. São Paulo: Vida, 1985. 170 p.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. Trad. Cecília M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1983. 512 p.
- KELLEY, Page H. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2000. 456 p.
- KIRST, N; et. al. (elab.). *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. 8.ed. São Leopoldo e Petrópolis: Sinodal e Vozes, 1997. 305 p.
- LASOR, William Sanford. *Gramática sintática do Novo Testamento*. Trad. Rubens Paes. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 192 p.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. Trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. 299 p.
- LUZ, Waldir Carvalho. *Gramática do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, . 3 vol.
- MARTÍNEZ, José M. *Hermeneutica Bíblica*. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1984. 586 p.
- MENDES, Paulo. *Noções do hebraico bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 1981. 192 p.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Editado por Bárbara e Kurt Aland et. al. 27.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984.
- PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill.C.; WHITE Jr., William. *O mundo do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 1988. 188 p.
- \_\_\_\_\_. *O mundo do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 1996. 181 p.
- \_\_\_\_\_. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Trad. Luiz Aparecido Caruzo. São Paulo: Vida, 2001. 191 p.
- PAROSCHI, Wilson. *Crítica textual do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993. 248 p.

- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. Fundamentos para exegese do Antigo Testamento: manual de sintaxe hebraica. São Paulo: Vida Nova, 1998. 154 p.
- \_\_\_\_\_. Fundamentos para exegese do Novo Testamento: manual de sintaxe grega. São Paulo: Vida Nova, 2002. 127 p.
- \_\_\_\_\_.; METZGER, Bruce M. Estudos do vocabulário do NT. São Paulo: Vida Nova, 1996. 160 p.
- REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. Noções do grego bíblico: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004. 410 p.
- RIENECKER, F.; ROGERS, C. Chave lingüística do NT grego. Trad. Gordon Chown e Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988. 639 p.
- ROBERTSON, Archibald Thomas. Imágenes verbales en el Nuevo Testamento. Barcelona: CLIE, 1988. 6 vol.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. Dicionário bíblico hebraico-português. Trad. Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997. 798 p.
- SHEDD, Russell P. Hermenêutica bíblica. In: VOX SCRIPTURAE. 1:2 (setembro de 1991). p. 3-11.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. Metodologia de exegese bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000. 515 p.
- STUART, Douglas; FEE, Gordon D. Manual de exegese bíblica: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008. 377 p.
- TAYLOR, William C. Dicionário do Novo Testamento grego. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 247 p.
- THE ANALYTICAL GREEK LEXICON*. Grand Rapids: Zondervan, 1967. 444 p.
- VAUX, R. de. Instituições de Israel no Antigo Testamento. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. 624 p.
- VIRKLER, Henry A. Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica. Trad. Luiz Aparecido Caruzo. São Paulo: Vida, 2001. 197 p.
- WEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia. São Leopoldo e São Paulo: Sinodal e Paulus, 1998. 408 p.
- ZUCK, Roy. A interpretação bíblica. Trad. César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.